

# *Eclesiastes sob escrutínio*

“Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, levanta os ânimos abatidos e faz suportar com resignação as vicissitudes da vida”. (Allan Kardec)

Este é um tema bastante intrigante e que nasceu em uma lista de discussão a longa data e em duas etapas, ao qual resolvemos transformar agora em um artigo genérico para esclarecimento de minha posição ante ao texto e a visão espírita da inconsciência após a morte. Dessa forma, dividimos este texto em tópico para facilitar a consulta aos leitores e espero que possam apreciar nosso pequeno esboço.

## **Índice:**

1. Examinando o contexto de Eclesiastes (Ec 9,5-6)
2. Argumentos e eventos que parecem comprovar a mortalidade da alma!
3. Argumentos e eventos que comprovam a sobrevivência da alma após a morte!
4. Conclusão

## **1. Examinando o contexto de Eclesiastes (Ec 9,5-6)**

Primeiramente precisaremos recorrer a uma bibliografia mais coerente com nossas pesquisas e que revelam um teor mais próximo dos originais, tal qual citamos a obra Bíblia Hebraica, constante em nossa singela biblioteca e que trazemos a lume. Vejamos:

<sup>5</sup>Pois sabem os vivos que hão de morrer, mas nada mais podem saber os mortos, nem tampouco há para eles ainda qualquer recompensa, pois até sua recordação já foi esquecida. <sup>6</sup>Perdido está também seu amor, seu ódio, até sua inveja, e não têm mais qualquer porção no que ocorre sob o sol. (Eclesiastes 9,5-6) (TANAH. 2012, p. 929)

Os argumentos que pretendemos analisar gravitam em torno de Eclesiastes, capítulo 9, versos 5 e 6. O objetivo dos mortalistas, ao nos trazerem esta referência, segundo eles mesmos defendem, é que *“justificar a inconsciência e, por conseguinte, impossibilidade de comunicação, pelo ponto de vista bíblico, com os mortos”*, e ao fazê-lo se esboroa em outros textos, igualmente bíblicos, que trazem claramente as provas do contrário.

Segundo os mortalistas, ao dizerem que o texto em foco *“prova exatamente o que estamos debatendo, ou seja, o estado de inconsciência dos mortos **com relação ao vivos aqui na Terra**”*. Ou seja, um estado meramente **relativo** de inconsciência, ao que respondemos lembrando que O texto revela **total** inconsciência (não

inconsciência relativa) na morte e a impossibilidade de qualquer recompensa "**debaixo do sol**", porque "**o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram**", **daí porque** "**não terão eles jamais recompensa**", revelando na expressão **daí porque** ser esta última assertiva consequência natural e necessária do estado absoluto de inconsciência, atribuído aos mortos na primeira. Se o estado fosse relativo, as ressurreições e vida futura deveriam ocorrer fora desta terra, para sermos coerentes, e não "debaixo do sol".

Com base no verso 5, afirmamos que o texto não diz só isso, e revisitamos as afirmações constantes do verso 6, discordando da alusão de que a inconsciência ali tratada seria apenas relativa, só fazendo parte de "*coisas que se sucedem embaixo do sol*". O comentário em referência à nossa argumentação, dizem os mortalistas "**de que este texto não se refere a inconsciência dos mortos é baseada muito mais em sua negação do que propriamente refutação**". Entretanto, não argumentamos que o texto **não se refere a inconsciência dos mortos**, o que dissemos é que exatamente o contrário e, conseqüentemente, não procede dizerem os mortalistas que nos baseamos **muito mais em sua negação**, nem muito mais nem muito menos, porque não fizemos qualquer negação do texto. Só afirmações. Mas acertam os mortalistas ao dizerem que, **se o texto diz** que os mortos estão inconscientes, **deve-se entender que também** não terão recompensas e, portanto, colocaria também por terra a ressurreição dos justos, pois era isto o que já vinha demonstrando diante da clareza meridiana, taxativa, daqueles versos.

Os mortalistas dizem que "*o participante entende até onde o texto diz que os mortos **jamais** terão recompensa, para daí entender que **nunca** terão recompensa*", porque as palavras "nunca" e "jamais" são sinônimas, tem o mesmo significado. Mas dizem os mortalistas que "*a explicação é clara*", e dão a solução: "*o livro de Eclesiastes fala sobre "as coisas que se sucedem embaixo do sol", ou seja, **aqui em vida, na Terra***". Na sequência, os mortalistas apresentam uma conclusão, naturalmente decorrente da tese que defendem, amarrando todas as partes à "solução". O que se nota desde a partícula inicial:

*"Logo, quando o autor afirma que os mortos têm sua memória entregue ao esquecimento, refere-se às coisas embaixo do sol; quando diz que os mortos não têm qualquer sentimento de ódio, inveja ou amor, refere-se às coisas embaixo do sol; e, quando diz que os mortos jamais terão recompensa, para sermos justos com a hermenêutica do texto, refere-se às coisas embaixo do sol".*

Mas diante deste fato exarado pelos mortalistas, já havíamos sido justos com a **hermenêutica do texto** e, relacionamos a inconsciência e a ausência de recompensas que se encontram no texto, mostrando que **se** a ressurreição **deve ocorrer** "debaixo do sol", ou seja, **aqui na Terra, então** ela está **igualmente descartada**.

Embora os mortalistas não gostem que qualifiquemos sua tese como suspeita, é isto o que se evidencia ao verificarmos que a ressurreição (em que acreditam) implica em recompensas (Lucas 14:14), e estas **antecedem**, necessariamente **nesta Terra** ou "**debaixo do sol**", os "novos céus e nova terra" que nos aguardam, **contrariando, deste modo** o entendimento esposado por eles de que Eclesiastes estabelece regra ou definição do que ocorre com os mortos, ao invés de apenas refletir a opinião reducionista e momentânea do autor.

Em sua finalização, os mortalistas nos dizem que "*tal recompensa terá sido pelo que fizeram antes de terem morrido, e não pelo que acontecer depois*", ao passo que o texto é taxativo e apenas diz que "**nem tampouco terão eles**

**recompensa e nem têm eles daí em diante parte para sempre em coisa alguma do que se faz debaixo do sol**", de modo que se na visão do narrador a ação foi praticada antes ou depois, o certo é que após a morte não há recompensas, bem como nenhuma participação em coisas que se fazem "debaixo do sol" ou nesta terra, descartando conseqüentemente para esta terra qualquer possibilidade de **ressurreição** e vida futura.

Para encerrar este tópico a título de reflexão, com referência a Eclesiastes 9,5: *"Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, mas a sua memória fica entregue ao esquecimento."*, onde Há um período na vida de Salomão em que ele se encontrava desiludido, enfraquecido na fé e até um tanto afastado de Deus. Todo o começo de Eclesiastes, até pelo menos o décimo capítulo, evidencia-se esta situação. Nota-se num estudo apurado deste livro, a recuperação espiritual e emocional de Salomão, quando suas revelações passam de pessoais e amarguradas para espirituais e divinas, mudando totalmente sua posição em relação às afirmações feitas acima: Eclesiastes 12,7: **"E o corpo volta para a terra como o era, e o espírito sobe para Deus, que o deu"**.

## **2. Argumentos e eventos que parecem comprovar a mortalidade da alma!**

O conceito de basar, no Tanah ocorre quando se refere tanto a animais, quanto ao ser humano. Ela designa carne, corpo, parentesco, fraqueza, etc. Na criação da mulher a partir de uma das costelas do homem, como citarei mais adiante, Josefo em sua análise de Gênesis 2. Outrossim, em Gn 2:21 está escrito que *"e fechou o lugar com basar (carne)"*. Já em Gn 2:24, de modo semelhante a *nepshesh*. Por outro lado, a *basar* indica o ser humano como tal, agora no aspecto físico, ou seja material. Mediante esta abordagem, os mortalistas defendem que: *"a nepshesh = a vida, alma, fôlego da vida, e não carne (basar), onde diz que Eva recebeu a nepshesh (sopro da vida), onde?"* Se perceberem, fizemos a devida distinção entre a *ruwach*, *nepshesh* e *basar*, não havendo, porquanto a mistura de conceitos entre a *nepshesh* e a *basar*. Já Eva receber a *nepshesh* é por questões de dedução, já que ambos são iguais perante o criador. Os mortalistas prosseguem dizendo que: *"Basar corresponde a corpo, polpa, gordura magra, parentes, a humanidade, a nudez, a auto-pele, de basar; carne (fresca), por extensão, o corpo de pessoa, a genitália de um homem - o tipo do corpo, (gordura, magra) carne, parentes, (homem), + nudez, auto, pele. Veja que Deus distingue o que seja alma Vivente e Carne/espécie"*. Diante desta argumentação, os mortalistas exemplificam:

Então, me lembrarei do meu concerto, que está entre mim e vós e ainda toda alma vivente de toda carne;(animal/especie) e as águas não se tornarão mais em dilúvio, **para destruir toda carne [basar]**. (Gn 9,15)

Observem que a **destruição é da carne [basar]** e não da *nepshesh*. Havíamos dito que conforme a abertura do tópico, em nos trazer o uso dessa palavra hebraica [*nepshesh*] para a compreensão do ser humano. Vejamos o seu significado:

'Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser [*nepshesh*] vivente (ser vivo). (Gn 2:7).

Partindo deste entendimento, os mortalistas dizem que:

“Deus reuniu duas coisinhas aí, o pó da terra e fôlego de vida. Com seu poder criador, ordenou que da mistura dessas duas coisas aparecesse o homem vivo, uma alma vivente. Em Gênesis 2:07 não diz que o ser humano tem Alma, mas que ele é uma alma. Homem vivo e alma vivente é a mesma coisa”.

Neste quesito, iremos recorrer ao historiador Flavio Josefo e ver o seu parecer quanto à passagem:

2. Gênesis 2. Moisés fala ainda mais particularmente da criação do homem. Ele diz que Deus tomou pó da terra, **fez o homem e, com a alma, inspirou nele o espírito e a vida**. Ele acrescenta que esse homem foi chamado **Adão, que em hebreu significa "ruivo"**, porque a terra de que ele foi formado era dessa cor, que é a cor da terra natural e a qual se pode chamar virgem. Deus mandou vir os animais, tanto os machos quanto as fêmeas, para diante de Adão, e este, o primeiro de todos os homens, deu-lhes os nomes que conservam ainda hoje.

3. Deus, vendo que Adão estava sozinho, enquanto os outros animais tinham cada qual uma companheira, quis também dar-lhe uma consorte. Para isso, quando ele estava adormecido, tirou-lhe uma das costelas, da qual formou a mulher. E, logo que Adão a viu, percebeu que ela havia sido tirada dele e que era parte dele mesmo. Os hebreus dão à mulher o nome de Issa, e a que foi a primeira de todas chamou-se **Eva, isto é, "mãe de todos os viventes"**. (JOSEFO, Flavio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro/RJ: Editora CPAD, 8ª Edição, 2004, pag. 19).

O que Josefo deixa transparecer aqui é que Deus fez o homem e, com alma, inspirou nele o espírito e a vida, diferentemente do homem ser uma alma. Ele distingue entre estar com alma e não ser alma como entendido pelo Almoedo. No dicionário de James Strong existe a definição para adão que converge ao que Josefo disse. Vejamos:

**0119 אדם 'adam aw-dam'**

de derivação desconhecida; DITAT - 26b; v

1) **ser vermelho, vermelho**

1a) (Qal) **ruivo** (referindo-se aos nazaritas)

1b) (Pual)

1b1) corar

1b2) tingido de vermelho

1b3) avermelhado

1c) (Hifil)

1c1) fazer ficar vermelho

1c2) ofuscar

1c3) emitir (mostrar) vermelhidão

1d) (Hitpael)

1d1) avermelhar

1d2) ficar vermelho

1d3) parecer vermelho

(Dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong, James Strong, LL. D., S.T.D., Barueri/SP, Editora SBB, Ano 2002, pag. 24.)

**0120 אדם 'adam aw-dawm'**

procedente de 119; DITAT - 25a; n m

1) homem, **humanidade (designação da espécie humana)**

1a) homem, ser humano

1b) homem (como indivíduo), humanidade (sentido intencionado com muita frequência no AT)  
1c) Adão, o primeiro homem  
1d) cidade no vale do Jordão  
(Dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong, James Strong, LL.D, S.T.D., Barueri/SP, Editora SBB, Ano 2002, pág. 24.)

Kardec, em sua obra do Pentateuco espírita **A Gênese** – Capítulo XII - *Gênese Mosaica*, nos esclarece esta passagem como uma alegoria bem representativa, vejamos:

11. - Ele se houve com mais acerto, dizendo que Deus formou o homem do limo da Terra <sup>(1)</sup>. A Ciência, com efeito, mostra (cap. X) que o corpo do homem se compõe de elementos tomados à matéria inorgânica, ou, por outra, ao limo da terra. A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, aparentemente pueril, se admitida ao pé da letra, mas profunda, quanto ao sentido. Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, que é por conseguinte igual a este perante Deus e não uma criatura à parte, feita para ser escravizada e tratada qual hilita Tendo-a como saída da própria carne do homem, a imagem da igualdade é bem mais expressiva, do que se ela fora tida como formada, separadamente, do mesmo limo. Equivale a dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava, que ele a deve amar como parte de si mesmo.

---

<sup>(1)</sup> O termo hebreu haadam, homem, do qual se compôs Adão e o termo haadama, terra, têm a mesma raiz. (KARDEC, A. 2019, p. 217).

Quem obtiver o interesse de aprofundar na alegoria da ‘Perda do Paraíso’. Sugiro perscrutar o tema, também na obra *A Gênese*; Capítulo XII, *Gênese Mosaica*. Prossequimos dizendo que a palavra hebraica *ruwach* significa em muitos textos, o sentido de espírito, destina-se também a ser como uma força da natureza, sendo ela o vento, o ar em movimento, etc. Jesus ao dialogar com Nicodemos, provavelmente em aramaico, tendo o evangelho de João na tradução hebraica e grego koiné, fala da *ruwach* (Jo 3,1-21). Na maioria das vezes, *ruwach* significa o sopro forte do vento, como sendo, não se sabe de onde o vento vem [sua última encarnação], não se sabe para o vento vai [sua próxima encarnação]. Os mortalistas dizem que: “no novo testamento, a palavra Espírito muda de *ruwach* para, (πνεῦμα *pneuma*), onde é mencionado em João 3,5-6” Exatamente isso, e em nosso texto **O Diálogo entre Jesus e Nicodemos** que os prezados leitores poderão acessar ([AQUI](#)) poderão atestar que esta passagem está no sentido figurado, os desdobramentos de uma exegese comentada e uma conclusão desejada da sugestão da reencarnação como uma lei natural (Jo 3,12)..

Sanada toda esta celeuma, agora partiremos para o desenvolvimento das interpretações das citações que parecem sugerir a mortalidade da alma. Antes de adentrar em toda a argumentação dos mortalistas, precisaremos definir o que seja a interpretação correta para (1Tm 6,16) e (1Co 15,53) Pois bem, vamos ao dicionário novamente:

**110 ἀζαλαζία athanasia**  
de um composto de 1 (como partícula negativa) e 2288;

TDNT - 3:22,312; n f  
1) **eternidade**, imortalidade  
(STRONG, J., LL.D, S.T.D., 2002, pág. 1982)

Entendemos que a eternidade somente a Deus pertence, já a imortalidade sem a necessidade de passar pelas reencarnações, culminando a ressurreição do espírito para a pureza de nossa alma, esta sim era a que Paulo se referia. Eterno somente Deus e imortais já somos, mas a imortalidade sem mais necessidade de reencarnação, somente será conseguida através da prática dos ensinamentos do Mestre Jesus em sua plenitude. Os mortalistas dizem que:

“Sobre essa expectativa temos o verso de Mt 10,28: *E não temer os que matam o corpo, mas não podem matar a alma: teme antes aquele que é capaz de destruir a alma e o corpo no inferno*”.

Pois bem, ao citar a passagem em análise, os mortalistas nos apresentam ainda os originais em grego. Vejamos:

Και μη φοβηθητε απο των αποκτεινοντων το σωμα, την δε ψυχην μη δυναμενων να αποκτεινωσι· φοβηθητε δε μαλλον τον δυναμενον και ψυχην και σωμα να απολεση εν τη γεεννη. (Mt 10,28)

Apresentar os originais gregos sem uma exegese mais acurada de todo o texto e contexto, enfatizando somente o fato de que a alma é destruída juntamente com o corpo no inferno, necessita de uma análise mais detalhada quanto ao tema. Primeiramente foi identificado somente a [πλεπκα pneuma] como alma, mas temos que ir mais a fundo no contexto e nas outras palavras gregas com apoio de um léxico grego e um bom dicionário também em grego, além de obter o parecer de Torres Pastorino em sua obra **Sabedoria do Evangelho - Volume 3**, a fim de chegarmos à resposta adequada ao texto. Observamos ainda que o texto em grego nos transmite a ideia de privar alguém de uma vida espiritual plena quando precipitado na *geenna*, tal como no sentido figurado. Vejamos:

ἀποκτείνω ou ἀποκτένω matar Mt 14.5; Lc 11.47; Jo 8.22; 16.2; **privar (alguém) da vida espiritual Mt 10.28**; 2 Co 3.6. Fig. Ef 2.16. (GINGRICH, F. W., 1979; pag. 30).

Partiremos para a análise do dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego:

**4151 πλεπκα pneuma**  
de 4154; TDNT - 6:332,876; n n  
3) um espírito, i.e., simples essência, destituída de tudo ou de pelo menos todo elemento material, e possuído do poder de conhecimento, desejo, decisão e ação.  
3a) espírito que dá vida  
**3b) alma humana que partiu do corpo**  
(STRONG, J., LL.D, S.T.D., 2002, p. 1705-1706.)

Agora vamos ao parecer de Torres Pastorino em sua obra **Sabedoria do Evangelho - Volume 3**.

### INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE III

Mat. 10:24-33

24. "Não é o discípulo mais que seu mestre, nem o servo mais que seu senhor: 25. basta ao discípulo ser como o seu mestre e ao servo como o seu senhor". Se chamaram Beelzebul ao dono da casa, quanto mais (o farão) aos seus domésticos! 26. Portanto, não os temais: pois nada há de encoberto que não venha a descobrir-se, nem de oculto que não venha a saber-se. 27. O que vos digo às escuras, dizei-o na luz; e o que ouvís aos ouvidos, proclamai-o nos telhados. **28. Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temei, antes, o que pode fazer perder tanto a alma como o corpo no vale das lamentações.** 29. Não se vendem dois passarinhos por um centavo? e nenhum deles cairá no chão sem vosso Pai. 30. E até os cabelos de vossa cabeça estão todos contados: 31. Não temais, pois: mais valeis vós que muitos passarinhos. 32. Portanto todo aquele que me aceitar diante dos homens, eu também o aceitarei diante de meu Pai que está nos céus; 33. mas aquele que me rejeitar diante dos homens, eu também o rejeitarei diante de meu Pai que está nos céus.

Luc. 6:40

40. O discípulo não é mais que seu mestre, mas todo aquele que é diplomado é como seu mestre.

Nesta terceira parte, que intitulamos "encorajamentos", encontramos, em forma sentenciosa, três recomendações de coragem, iniciadas com as palavras "não temais". A fórmula inicial salienta que um discípulo não deve pretender tratamento superior ao que teve seu mestre, nem o servo ser mais bem tratado que seu senhor. A verdade é evidente. Muito felizes deverão julgar-se discípulos e servos, se conseguirem tratamento semelhante ao do mestre e ao do senhor. Lucas apresenta uma particularidade: o discípulo não é mais que seu mestre, mas todo discípulo diplomado (katártisménos, participio passado passivo de katartízô, isto é, que foi aparelhado, preparado, formado, ou seja, diplomado), é como (é igual) a seu mestre.

Depois vem o exemplo: chamaram o Mestre de Beelzebul. Essa palavra desorientou os exegetas durante séculos. Nessa forma aparece nos manuscritos, e significa literalmente "senhor do fumo"; não deve ser confundido com Beelzebub, "senhor das moscas", a quem Ozonias (2.º Reis 1:6) mandava consultar em suas dificuldades. Na época de Jesus, Beelzebul tinha o sentido genérico de "ídolo", isto é, de culto a uma divindade falsa; então, Beelzebul era o falso profeta, o falso sacerdote. Se assim chamaram o "dono da casa", quanto mais o farão a seus familiares! ... Até hoje vemos esse epíteto aplicado, mesmo dos púlpitos, aos que seguem os lídimos preceitos de Jesus. E o próprio ato de sermos assim denominados, constitui para nós a maior glória, pois vem provar à saciedade que, segundo a predição de Jesus, nós realmente somos seus seguidores, seus discípulos, pois recebemos o mesmo epíteto que Ele.

A argumentação é feita nos moldes rabínicos, da menor para a maior (a minori ad majus, na fórmula silogística da Escolástica). Por que temê-los? Depois aparece uma sentença axiomática, também repetida: tudo o que se esconde, há de aparecer à luz; e as malevolências dos homens, tenham ele que títulos tiverem e atribuam-se a autoridade que quiserem, tudo se virá a saber a respeito da verdade. Podem eles intitular-se a si mesmo delegados, embaixadores e representantes de Deus, mas suas credenciais estão assinadas por eles mesmos, e portanto nenhum valor real apresentam, porque lhes falta a chancela da Divindade. Tudo isso, que é escondido virá a ser publicado.

A seguir uma advertência baseada no costume da época. O pregador, denominado darshan, não discursava na sinagoga aos sábados em voz alta:

falava a meia-voz ao intermediário chamado amorâ ou turgem ân, e este é que repetia em voz alta o que o darshan lhe comunicava (cfr. Strack e Billerbeck, *Kommentar zum neuen Testament aus Talmud und Midrash: Das Evangelium nach Matth.*, Munchen, 1922, tomo 1, pág. 579; citado por Pirot, o.c.). Assim diz Jesus, que o que Ihes é dito às escuras, deve ser proclamado na luz; isto é, o que é dito simbolicamente, deve ser explicado com clareza, e tudo o que for oculto deve ser traduzido à luz; e o que for dito aos ouvidos, deve ser gritado dos telhados. Prende-se esta última frase também a um hábito da época: o hazzan subia, às sextas-feiras, ao telhado mais alto da aldeia e tocava a trombeta, para avisar a todos os camponeses que se recolhessem para respeitar o sábado.

Justamente pela explicação clara desses ensinamentos secretos vem a humanidade esperando há quase dois mil anos. Com a ajuda do Pai, eles estão sendo trazidos aos poucos, infelizmente ainda de modo deficiente, por incapacidade dos intérpretes. Aparece o segundo conselho de coragem. Aqui encontramos a oposição entre sôma (corpo) e psychê (alma). Não devem temer-se os que só tem o poder de matar o corpo (sôma), mas não no possuem para matar a alma (psychê), ou seja, desviá-la do rumo certo, levando-a para o anti-sistema, para o pólo negativo. Em numerosos lugares, tanto do Antigo como do Novo Testamento, aparecem como ações opostas as locuções "matar a alma" e "salvar a alma". A alma (psychê) é o corpo astral que plasma o corpo físico na reencarnação e aparece, no físico, sob a forma de sangue (Deut. 12:23). A distinção entre "matar o corpo" (sôma) e "matar a alma" é bem clara nas Escrituras. Quem mata o corpo apenas destrói o veículo mais denso, mais grosseiro, mas, com isso, não afeta o corpo astral (a alma), já que esta prossegue sua mesma vida em outro plano de vibrações e, de modo geral, não é prejudicado senão por perturbação momentânea pois de qualquer forma dirimiu um carma que o alivia de dívidas do passado. Por tudo isso, a alma se vê "salva" da garra dos perseguidores. Já a "morte da alma" se apresenta sob outros aspectos muito mais graves. É atingido o próprio corpo astral, que se perturba profundamente e, ao chegar ao outro plano de vibrações, permanece desequilibrado de tal forma, que só novo mergulho no "vale das lamentações" (na reencarnação terráquea) poderá reequilibrá-lo através do esquecimento temporário. No entanto, a reencarnação desses que se encontram "mortos" nesse estado é terrivelmente dolorosa, pois que, pelo próprio desequilíbrio, construirão corpos físicos deficientes, defeituosos, ou pelo menos com os neurônios cerebrais disrítmicos, o que lhes causará sérias perturbações mentais e até demência. Por tudo isso, compreende-se que a morte do corpo físico não é temível, mas a da alma é de consequências desastrosas, e por isso deve ser temida: "teme: os que podem fazer perder tanto a alma quanto o corpo no vale das lamentações", perdidos no escuro cárcere da loucura que afeta tanto o corpo como a alma. No entanto, a Providência do Pai que em todos e em tudo habita, está sempre atenta a tudo, e nada nos acontecerá sem Ele. O texto grego áneo tou patrós humôn, que literalmente significa "sem vosso Pai", pode ser entendida nesse sentido preciso (que preferimos): nada ocorre sem o Pai que está dentro de tudo e de todos (cfr. Ef. 4:6 e 1 Cor. 15:28), e que constitui a essência ou substância ultérrima de tudo o que existe; ou b) "fora de vosso Pai". pois nada existe fora Dele, já que Nele estamos mergulhados integralmente. Nele nos movimentamos, Nele existimos (cfr. At. 17:28); ou c) interpretando-se o sentido: "Sem o consentimento ou a vontade de vosso Pai". Se o Pai está em nós e nós estamos no Pai, que temer? Tudo o que ocorre conosco, ocorre juntamente com o Pai que nos acompanha a cada segundo, e nada ocorre a nós sem que o Pai nos acompanhe amoravelmente. Até os pardais, que quase nada valem, não caem ao chão sem Ele; até os fios de cabelo de nossas cabeças; que estão todos contados pelo Pai, não caem sem Ele. E uma criatura humana, que muito mais vale, como poderia qualquer coisa ocorrer-lhe sem a coparticipação do Pai? É ainda o raciocínio a minori ad majus; se não cai um cabelo nosso, como ocorreria uma enfermidade ou morte sem que isso ocorresse com o Pai,



a seu lado dentro Dele. Não adotamos as traduções "sem o consentimento" do Pai nem, menos ainda, "sem a vontade" do Pai, para não falsear a ideia expressa por Jesus. Essas duas expressões dariam a falsa impressão de que um Pai externo e pessoal estaria deferindo requerimentos, dando uma permissão exterior para que uma desgraça atingisse ou não seus filhos, enquanto Ele ficaria "de fora", a olhar passivamente os estertores de dor das criaturas. E menos ainda a "vontade" do Pai, que faria que o imaginássemos como um sádico a gozar com o sofrimento das criaturas, sofrimento planejado e desejado pela vontade Dele.

Essa tradução plasmou erradamente a mentalidade geral durante milênios, e ainda hoje ouvimos: "Fulano ficou aleijado ... foi a vontade de Deus": ou então: "Fulano foi roubado ... foi a vontade de Deus"; e coisas piores, como se Deus, o Pai Amoroso e Bom, fora um malfeitor criminoso que só quisesse desgraças. Porque se algo de bom e agradável acontece, ninguém diz que "foi vontade de Deus", ao contrário: o que é bom é atribuído à sorte da criatura, à sua competência, à justiça, e até ao acaso, mas jamais à vontade de Deus. Esta só ocorre nos acontecimentos tristes e dolorosos. Para a massa, Deus ainda é "o vingador" do tempo de Moisés. No entanto, pelo ensino de Jesus, aprendemos o contrário: o Pai é a Alegria, a Felicidade, a Bondade, e só quer o Bem de seus filhos; se algo de mal ocorre, é provocado por nossos erros, como consequência de nossas investidas contra a Lei. Ora, quem bate com a cabeça num muro de pedra, quebra a cabeça por vontade própria, não por vontade de Deus. Ele construiu o muro de pedra da Lei para guiar a humanidade, e leva todos a obedecerem à Lei para não se ferirem nas pedras, sendo até mesmo beneficiados e defendidos por essa muralha granítica. Mas se alguém, por ignorância ou maldade, teima em investir contra o muro, Ele não tem culpa, não é por Sua vontade que isso ocorre. As consequências são colhidas pela criatura que cometeu o erro, e exclusivamente por culpa própria, porque quis. A conclusão é dada com a "maior" "vós valeis mais que muitos passarinhos". Lemos depois a sentença que finaliza esta parte do discurso, e que constitui uma ilação de tudo o que foi dito. O raciocínio caminha com impecável lógica.

- a) o discípulo não é mais que o Mestre;
- b) se perseguiram o Mestre, perseguirão o discípulo;
- c) não obstante, coragem! preguem a doutrina; já que
- d) os inimigos só poderão prejudicar o corpo,
- e) mas nada acontece fora do Pai, nem a um passarinho;
- f) ora, os discípulos valem muito mais,
- g) então aceitem esse Mestre, apesar dos sofrimentos.

As traduções correntes transladam o verbo grego homologéô por "confessar". Realmente, pode apresentar-se esse sentido. Mas o significado português atual de confessar pode dar idéia de "contar os pecados a um sacerdote ou seus erros a um juiz". E esse não é o significado desse verbo, que, etimologicamente exprime: "falar" (logéô) "a mesma coisa" (homo), e portanto, "concordar, estar de acordo, reconhecer, aceitar". Preferimos o último, por causa da oposição com a segunda parte do dístico: "aceitarei, quem me aceitar; rejeitarei, quem me rejeitar". O princípio ensinado é claro: é o discípulo que escolhe o mestre e se entrega à sua formação. Se ao professor fosse dado escolher seus discípulos, seria ótimo; mas a ele só cabe ser escolhido pela preferência de quem nele confia e lhe quer ouvir os ensinamentos. Portanto, a lógica ainda continua precisa: se alguém O aceitar, será aceito por Ele; mas se O rejeitar, por Ele será rejeitado.

As frases do ensino tornam-se cada vez mais incisivas. A diferença entre individualidade e personalidade é aqui realçada com todo o vigor. Jamais poderá pretender a personalidade transitória superar ela mesma o nível da individualidade. Em relação a esta, a personalidade é um discípulo diante de um mestre, uma escrava perante seu senhor, e não lhe cabe outro recurso senão abaixar a cabeça, "renunciar a si mesma" e, carregando sua cruz por ela mesma construída, seguir no rumo da espiritualização. Mais tarde virão outros conhecimentos em apoio: só quem der preferência absoluta à individualidade poderá dizer-se discípulo (Mat. 10:37). Por enquanto, está firmado o princípio da superioridade de uma sobre a outra, sem possibilidade de enganos. Por mais que se esforce, a personalidade poderá, no máximo, quando já "diplomada", igualar a individualidade através do conhecimento que lhe advém exatamente da sabedoria profunda da própria individualidade, sua mestra inequívoca. Quem coloca a personalidade acima de seu "mestre e senhor". o Espírito, o Cristo Interno, ainda se encontra bastante atrasado na estrada da evolução no período da construção de suas cruzes, às quais automática e sucessivamente vai ficando preso, tendo que carregá-las posteriormente até o cimo do Calvário.

Ora, enquanto o Cristo Interno se acha crucificado na matéria, trilhando a dura, árdua, íngreme e pedregosa estrada para o Gólgota, terá que passar pelas Forças Caudinas do sofrimento; e como se acha entre "espíritos" muito materializados, que nem sabem o valor do Espírito, terá que suportar a perseguição do meio ambiente que o acolhe. Acha-se assim elucidada a frase: "se o mestre e senhor (Espírito, Cristo Interno) é chamado Beelzebul (senhor do fumo, isto é, chefe das trevas, da ignorância), muito mais o serão os seus familiares" (ou domésticos), que são seus veículos, e em primeiro lugar seu intelecto que governa toda a sua personalidade. Quer isto dizer que a perseguição movida pelo mundo material ao Espírito, sê-lo-á também aos veículos daqueles que servem ao Espírito, como seus discípulos e servos. No entanto, toda essa perseguição movida pela matéria (diabo, satanás) ao Espírito, no planeta em que vivemos, será temporária: "nada há encoberto que se não descubra". Se nas condições atuais o Espírito está oculto sob a matéria, ele virá a descobrir-se, manifestando-se radiantemente ao próprio mundo. E a massa humana irá aos poucos encontrando-o dentro de si mesma. Para isso, requer-se tempo, não contado em dias e meses, mas computado em séculos e milênios. "Tudo o que está oculto, virá a saber-se", e por isso a única parte real da vida (o Cristo) será conhecido de todos. Caberá, pois, aos discípulos e continuadores da obra de Jesus (da individualidade) ensinar às massas o Segredo do Reino, falando claramente o que Ele revelou sob o véu da simbologia mística, explicando Seus ensinamentos, em época futura mais preparada para recebê-Lo. Melhor dito: o que cada criatura evoluída ouviu em segredo, silenciosamente, ensinado por seu Cristo Interno residente em seu coração, ela deverá proclamá-lo a todos os ventos, na hora oportuna.

Recordemos: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis suportá-lo agora; quando vier, porém, o Espírito verdadeiro, ele vos guiará a toda verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará coisas futuras" (João, 16:12-13). Então, nada de mistérios nem de "segredos ocultos" só para iniciados: devemos divulgar "por cima dos telhados" tudo o que fomos aprendendo. Chega a seguir, a advertência de coragem: nada do que ocorre à personalidade, de bem ou de mal, atinge a individualidade, o Eu profundo. Se algum mal é feito à personalidade de Fulano, só a personalidade de Fulano sofrerá com isso, pois o Eu profundo é inatingível. Mas aqueles que podem obrigar o "espírito" a reencarnar no "vale das lamentações" (a Terra), esses devem ser temidos. Fugir dos que chegam a nós, obrigando-nos a com eles criar carmas dolorosas para o futuro. E finalmente a certeza da vitória: os passarinhos, os cabelos, tudo está no Pai, e jamais coisa alguma poderá ocorrer sem o Pai, que reside dentro de nós, que constituí nosso Eu mais profundo. Por que temer? O Pai está conosco, em

*redor de nós, dentro de cada um de nós, e nós estamos mergulhados no Pai como peixes no oceano: nada nos acontecerá sem o Pai. Então, "não temais"! Todavia, há importante pormenor a considerar. Toda criatura que "diante dos homens., publicamente, aceitar seu Espírito, seu Cristo Interno, será aceita e recebida em união com Ele, "diante do Pai que está nos céus., isto é, que habita dentro de nós, e, portanto, será feita a união mística. Mas quem, "diante dos homens" rejeitar sua própria individualidade, preferindo viver a vida ilusória da personalidade, será rejeitado "diante do Pai" e não poderá realizar a unificação mística. Está, pois, neste passo, bem esclarecida a questão da graça e do livre-arbítrio, tão discutida há milênios, e já resolvida em duas frases lapidares pelo Mestre Incomparável. Se o movimento partir do livre-arbítrio do homem (aceitar o Cristo Interno), o Cristo Interno aceitará a criatura (graça) diante do Pai (com a união mística). Mas essa graça não poderá descer até o homem que a rejeitar livre e espontaneamente. Portanto, a rejeição é provocada pela personalidade, que em primeiro lugar rejeita o Cristo Interno, mergulhada e gozosa que está com a matéria em que se rebolca. É a velha exemplificação do copo: se o colocarmos debaixo de uma bica aberta, mas emborcado de boca para baixo, ele não poderá ficar cheio; mas se o colocarmos de boca para cima, ele se encherá das bênçãos da água que dessedenta. (PASTORINO, C. J. T., 1964, p. 70-74)*

Em continuidade a Torres Pastorino, vejamos abaixo a continuidade do capítulo em análise:

"Em verdade vos digo que não passará **esta geração** sem que todas estas coisas aconteçam" (Mt 24,34)

Mediante tal assertiva, entendo que Jesus estava se referindo aos espíritos encarnados e desencarnados representados por 'esta geração', já que o evento do apocalipse inicia com a diáspora judaica e culmina com o fim das provas e expiações de nosso planeta, assim como abordo no capítulo I e item 1 do texto abaixo.

Neste segundo ponto é estabelecido uma comparação de Mt 10,28, traçando um paralelo com:

Qualquer que procurar salvar a sua vida perdê-la, e quem perder a sua vida, preservá-la. (Lc 17,33)

Citando-o no original grego:

ὅς ἐὰν ζητήσῃ τὴν **ψυχὴν** αὐτοῦ σώσασαι ἀπολέσει αὐτήν καὶ ὅς ἐὰν ἀπολέσῃ αὐτήν **ζωογονήσῃ** αὐτήν. (Lc 17,33)

A partir deste momento, nos é trazido o significado para *ζωογονήσῃ* = *para trazer vivo - para dar vida - para preservar a vida*. Diante disso, nos traz o seu entendimento os mortalistas:

Agora Vamos ao Verso em Questão. A palavra "alma" (ψυχή psique) neste contexto significa "a capacidade de viver." Isto é, um outro ser humano pode ser capaz de tirar a nossa vida (ψυχή), mas ainda temos a capacidade de viver de novo. Conforme a bíblia, Deus sempre pode nos trazer de volta à vida através da ressurreição. Assim, embora, naturalmente, medo de pessoas, que podem causar a morte física, "Jesus" está dando a perspectiva, de uma vida verdadeiro e eterno. Nesse verso em questão nos diz que não se deve temer o homem, mas sim Deus. Portanto meus queridos cristãos não se assustem com a perspectiva da morte temporal, mas a temer a Deus, que Ele pode destruir a alma e o corpo para sempre Mateus 5:22.

Deus não destrói a alma e nem o pecador, antes, porém lhe dá uma nova oportunidade para resgate de suas faltas conforme o evento do **“O cego de nascença de João 9 que prova a lei do renascimento”**

Já sobre a citação de que a alma é mortal, comentam os mortalistas:

O versículo que eles usam para essa ênfase é João 11,25-26 Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente.

Veremos adiante como a **Torá, a Lei de Moisés**, nos mostra, já que não há penalidades eternas do Eterno para um infrator com falhas finitas. Toda a planta que o Eterno não plantou, esta será arrancada, já disse o mestre. Quando é citado pelos mortalistas:

**A alma que pecar, essa morrerá**; o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele. (Ez 18,20)

O profeta combate justamente à ideia das punições hereditárias, passadas erroneamente de pai para filho. Cada qual é responsável pelos seus atos. Assim como está escrito na **Torá, a Lei de Moisés**:

Não te prostrarás diante deles, nem mesmo os servirás pois Eu sou o Eterno, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, **sobre** terceiras e quartas gerações, aos que me aborrecem, e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam. (Ex 20,5-6) (TORÁ, A Lei de Moisés, 2001, p. 214, grifo nosso).

E passou a divina presença do Eterno diante dele e proclamou: “Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade e verdade; que guarda benignidade para duas mil gerações, que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o pecado que não faz penitência; visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, **sobre** terceiras e quartas gerações.” (Ex 34,6-7) (TORÁ, A Lei de Moisés, 2001, p. 266, grifo nosso)

Infelizmente as bíblias traduzidas para o português estão equivocadas e em desacordo com a **Torá, a Lei de Moisés**. Confirmam suas bíblias. A Tora e o Tanah em hebraico são lidos da direita para a esquerda, enquanto os evangelhos até o apocalipse da esquerda para a direita, perfazendo um círculo perfeito, coroado, portanto, pelo Consolador Prometido pelo Mestre Jesus. É preciso compreender a primeira revelação de Moisés, entender o caráter missionário do mestre Jesus e consolidar sua mensagem com o Consolador Prometido.

Os mortalistas continuam em suas análises, dizendo que:

Esse verso iria só citá-lo e com seu atalho ao link como de costume, mais embora ficou extenso, mais não perde a capacidade de clareza sobre o que seja ALMA e como ela pode MORRER.

Contudo, a tradução correta para a passagem de Josué é a seguinte:

e tomou-a com o seu rei e todas as suas cidades e as feriu a fio de espada; e a **toda vida que nelas havia destruiu totalmente**, nada deixou de resto; como fizera a Hebrom, a Libna e ao seu rei, assim fez a Debir e ao seu rei”. (Jos 10,28-39)

O único que tem o poder de levar a alma ao vale das lamentações que é a Terra, para resgate de suas faltas sobre as terceiras e quartas gerações é o Eterno.

E dito pelos mortalistas que:

Todo o que procurar salvar a sua vida, perdê-la-á; mas todo o que a perder, encontrá-la-á. (Lc 17,33)

Já em Lucas 17,33 é uma parábola para os egoístas que buscam se salvar, não praticando o Evangelho em resgate dos aflitos e perseguidos, perdendo, porquanto a sua alma, ou seja, a sua vida diante do Eterno. Não que a alma seria perdida, morta ou aniquilada.

Em Mt 5,22, após a sermão do monte, Jesus nos alerta quanto a nossa ira contra o nosso próximo e nos alerta que o fogo reparador da *geena* é que irá moldar o espírito renitente no erro contra seu próximo! Não precisa de grego aqui não, é só interpretação de texto mesmo! Sobre o desenvolvimento da TDNT, vejamos:

TDNT corresponde à obra de Gerhard Kittel, Theological Dictionary of the New Testament. Ao lado da sigla TDNT, o primeiro número (ex.: 1:232) remete ao volume e ao verbete a ser consultado na coleção de 8 volumes da obra de Kittel; o segundo número remete ao verbete da obra condensada em um único volume por G. W. Bromiley. (STRONG, J., LL. D, S.T.D., 2002, p. 1251)

Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juizes. Aquele que disser a seu irmão: Raca, será castigado pelo Grande Conselho. Aquele que lhe disser: Louco, será condenado ao fogo da *geena*. (Mt 5,22)

Dessa forma, entendo não ser oportuno o desenvolvimento no quesito da 'TDNT Theological Dictionary of the New Testament', a fim de não tornar muito extenso e cansativo aos leitores, senão análises pontuais. Apresentamos o argumento aniquilacionista de que na passagem de Levítico, é bem clara que *nephesh* não significa 'alma'. Ela define o ser humano como um todo, um ser vivo (com vida no sangue). O texto afirma que homem não tem *nephesh*, mas é *nephesh*, vive como *nephesh*. Contudo, se aplicarmos o real significado como vida, a *nephesh* [vida física] é mortal. Isto está claro em Lv 24,17-18 para os aniquilacionistas, ao qual iremos desenvolver o entendimento. Tanto é fato que eles parecem concordar dizendo que: "E o que está escrito 'E o homem passou a ser [*nephesh*] vivente (ser vivo) uma alma vivente'".

Partindo deste princípio, e dito sobre a passagem, fazendo a questão de colocá-la nos originais. Vejam:

"Qualquer um que leva a vida de outra pessoa deve ser condenado à morte [וְאִישׁ כִּי יַכֶּה כָּל - נֶפֶשׁ אָדָם מוֹת יוּמָת] (Lv 24,17)

Qualquer pessoa que mata animais de outra pessoa deve pagar por isso no total um animal vivo para o animal que foi morto. [וּמִכָּה נֶפֶשׁ - בְּהֵמָה יִשְׁלַמְנָהּ נֶפֶשׁ ] (Lv 24:18)

Ambas as passagens tratam da lei de talião e como demonstrado acima. Como comentado anteriormente, o único capaz de imputar a alma pecadora no vale de lágrimas é o Eterno. Poderia ainda nos dizer que o Eterno se contradiz em mandar matar o infrator, mas Moisés em sua sabedoria não tinha tanta força para conter os corações endurecidos. Por este motivo é que usa o nome do Eterno para conter a violência dos pecados contra do Decálogo. Jesus exorta os Judeus de sua época

neste quesito, pois a lei era dura, pois nossos corações naquela oportunidade eram endurecidos. Mediante a citação da passagem em análise, é dito pelos aniquilacionistas que:

**Não há novidade aí, vida acabou alma morreu.'. Ocorre que o que frisei que a [nephesh] vida acabou e não a alma que morreu.**

Lembremos e da diversidade de significados para *nephesh* apresentados no embasamento de nossa argumentação e não se deve apegar a um significado somente, quer dizer alma. O que acabará é a vida e não necessariamente sugere a morte da alma. Ademais, esta passagem se refere a lei de Talião do olho por olho e dente por dente. Portanto, aquele homem que matar, certamente este morrerá, não significando que sua alma será consumida.

### **3. Argumentos e eventos que comprovam a sobrevivência da alma após a morte!**

Seguiremos, porquanto, a alguns argumentos que comprovam a sobrevivência da alma após a morte, lembrando que alma [períspírito] é o veículo de manifestação do espírito. Primeiramente deveremos estabelecer os níveis de interpretação judaicos das escrituras, tanto na Tora, no Tanah, nos Evangelhos até o livro da Revelação.

Neste ponto inicial, traço um paralelo ao historiador Flavio Josefo, corroborando o pensamento judaico quanto a esta passagem, posteriormente, ratificando tal evento, com um comentário no final sobre a mediunidade. Vamos agora recorrer a este historiador quanto ao evento da aparição do espírito de Samuel a Saul, registrado em (1Sm 28), corroborando e abalizando de como é visto pelo judaísmo ortodoxo:

252. 1 Samuel 28. Nesse mesmo tempo, os filisteus resolveram fazer guerra aos israelitas. O rei Aquis ordenou a reunião de todas as suas tropas na cidade de Suném e por isso mandou dizer a Davi que lá se encontrasse também, com os seus seiscentos homens. Ele respondeu que obedeceria com prazer, para testemunhar-lhe a sua gratidão pelos favores de que lhe era devedor. O rei, por sua vez, prometeu-lhe que se fosse vitorioso recompensaria os seus serviços com grandes honras e o faria comandante de sua guarda.

#### **CAPÍTULO 15**

Saul, vendo-se abandonado por Deus na guerra contra os Filisteus consulta por meio de uma médium a sombra de Samuel, que lhe prediz derrota na batalha e a morte dele e de seus filhos. Aqui, um dos reis dos Filisteus, leva com ele Davi para o combate, mas os outros príncipes o obrigam a reenviá-lo a Ziclague. Davi descobre que os amalequitas saquearam e incendiaram ziclague, persegue-os e os dizima. Saul perde a batalha. Jônatas e dois outros de seus filhos são mortos e dois outros de seus filhos são mortos, e ele Saul fica muito ferido. Obriga um escudeiro a matá-lo. Bela ação dos habitantes Dejaves de Gileade para com os corpos desses príncipes.

253. Saul, informado de que os filisteus tinham avançado até Suném, marchou contra eles e acampou em frente ao exército inimigo, próximo do monte de Gilboa. Percebendo, porém, que eles eram incomparavelmente mais fortes, sentiu a coragem diminuir e rogou aos profetas que consultassem a Deus para saber qual seria o resultado daquela guerra. Deus não lhe respondeu, e esse silêncio duplicou-lhe o temor, pois se julgou abandonado por Ele. O seu ânimo abateu-se e ele resolveu, nessa dificuldade, recorrer à magia. No entanto Saul havia expulsado do país todos os magos e adivinhos e toda

espécie de gente que costuma predizer o futuro, e assim, não sabendo onde buscá-los, mandou indagar de onde se poderia encontrar a voltar às almas dos mortos, para interrogá-las e saber coisas futuras.

Um dos seus disse-lhe que uma mulher na cidade de En-Dor poderia satisfazer esses desejos. Imediatamente e sem falar com quem quer que fosse, disfarçado e acompanhado por duas pessoas somente, foi procurar a mulher, rogando-lhe que predissesse o que estava para lhe acontecer e que para esse fim fizesse voltar **à alma de um morto que ele ia nomear**. Ela respondeu que não podia fazê-lo porque o rei proibira, por um edito, que se fizesse essa espécie de predição e rogou que, jamais tendo ela lhe feito mal, não lhe armasse cilada para fazê acontecer o que acontecesse, ele não o faria e que ela não corria risco algum. Esse juramento tranquilizou-a, **e ele pediu que fizesse vir à alma de Samuel**.

Como ela não sabia quem era Samuel obedeceu sem dificuldade. Quando, porém, a sua presença se fez notar, algo de divino que ela percebeu surpreendeu-a e a perturbou. Voltou-se então para Saul e disse-lhe: "Não sois vós o rei Saul?" (Ela o soubera pela visão.) Ele respondeu-lhe que sim, e ordenou-lhe que revelasse a causa da grande perturbação que notava nela. **Ela respondeu que via aproximar-se um homem que parecia todo divino**. Saul perguntou: **"Que idade tem ele e como está vestido?"** Ela respondeu: **"Ele parece alguém dentre os que a fazem cair numa falta que custaria a ela a própria vida"**. Saul jurou-lhe que, um velho muito duvidou de que era mesmo Samuel\* e prostrou-se diante dele até o chão.

A sombra perguntou-lhe por que o havia obrigado a voltar do outro mundo. Respondeu Saul: "A necessidade me obrigou a isso, porque, tendo sido atacado por um exército muito poderoso, me encontro abandonado, sem o auxílio de Deus, que nem pelos seus profetas nem por outro modo me informa sobre o que está para acontecer. Assim, só me resta recorrer a vós, que sempre me testemunhastes tanto afeto". **Samuel, sabedor de que o tempo da morte de Saul havia chegado, disse-lhe: "Sei que de fato Deus vos abandonou e em vão desejais que Ele diga o que vos deve suceder. Mas, visto que o quereis, sabeis que Davi reinará e terminará venturosamente esta guerra e que, pelo castigo de não terdes executado e vencido os amalequitas, o vosso exército amanhã será desbaratado e perderá a coroa, a vida e os vossos filhos nessa batalha"**.

Essas palavras gelaram o coração de Saul, e ele desmaiou, tanto pela dor excessiva quanto porque havia dois dias não se alimentava. A mulher rogou-lhe que tomasse algum alimento, para restaurar as forças e poder voltar ao exército. Ele recusou-o, mas ela insistiu, dizendo que não lhe pedia outra recompensa por ter arriscado a vida para fazer o que ele desejava. Por fim, não podendo mais resistir àquelas súplicas insistentes, **Saul disse-lhe que comeria alguma coisa. Logo ela matou um vitelo, que era tudo o que possuía, preparou-o e o serviu a ele e aos seus. Saul voltou naquela mesma noite para o seu exército**.

**Eu não poderia deixar de admirar a bondade dessa mulher, que, jamais tendo visto o rei, em vez de se ressentir por ele a ter reduzido a tão grande pobreza, proibindo-a de exercer a arte que era o seu meio de vida, teve tanta compaixão de sua infelicidade que não se contentou em consolá-lo**. Sabendo que ele morreria no dia seguinte, deu-lhe tudo o que possuía sem pretender recompensa alguma e sem dele nada esperar. Nisso ela é tanto mais louvável quanto os homens são naturalmente levados a fazer o bem somente àqueles dos quais podem também recebê-lo. E assim, ela nos dá um belo exemplo de como ajudar sem interesse os que têm necessidade de nosso auxílio, pois é uma generosidade tão agradável a Deus que nada pode levá-lo a nos tratar mais favoravelmente.

Julgo oportuno acrescentar outra reflexão, que poderá ser útil a todos, particularmente aos reis, aos príncipes, aos grandes, aos magistrados, às outras pessoas constituídas em dignidade e a todos os que, sob qualquer condição, têm a alma grande e nobre, a fim de inflamá-los de tal modo à virtude que não haja penas nem tributações que não aceitem ou perigos que não desprezem até mesmo a morte, para conquistar uma reputação imortal, chegando a dar a própria vida pelo bem da pátria. **Vimos o que fez Saul, pois, ainda que Samuel o tivesse avisado de que seria morto com os filhos na batalha, preferiu perder a vida a praticar um ato indigno de um rei, como, para conservá-la, abandonar o exército, o que seria o mesmo que entregá-lo nas mãos dos inimigos.**

Assim, Saul não hesitou em expor-se com os filhos a uma morte certa, julgando que seria melhor e muito mais satisfatório terminar com estes gloriosamente os seus dias, em pleno combate pela salvação da pátria, e merecendo assim viver perenemente na memória da posteridade do que sobreviver à própria infelicidade e, além de não ter mais uma posição, ser pouco considerado pela opinião pública. Não poderia, pois, deixar de considerar esse soberano, nesse ponto, como muito justo, sensato e generoso. E, se algum outro fez ou fizer a mesma coisa, não haverá elogios de que não seja digno. Pois, ainda que quem faça guerra na esperança de obter a vitória mereça que os historiadores elogiem os seus feitos grandiosos, parece-me que somente devem ser considerados provecos na coragem os que, a exemplo de Saul, preferem a honra à própria vida, desprezando perigos certos e inevitáveis.

Nada é mais comum que empreender aquilo cujo desfecho é duvidoso e disso auferir grandes vantagens, se houver sorte favorável. Mas nada poder prometer senão coisas funestas, estar certo de que perderá a vida no combate e afrontar intrepidamente a morte é o que se pode chamar o cúmulo da generosidade e da coragem. Foi isso o que admiravelmente fez Saul. Ele deu exemplo a todos os que desejam eternizar a memória pela glória das ações, mas principalmente aos reis, ao qual a nobreza dessa condição não somente proíbe abandonar o cuidado dos súditos como os torna dignos de censura se nutrirem por eles apenas uma medíocre afeição. **Poderia eu falar ainda muito mais em louvor de Saul, mas, para não ser demasiado longo, necessito retomar o fio de meu discurso.**

**\* "Então Saul não duvidou de que era mesmo Samuel". É possível que Flávio Josefo, para fazer tal asserção, se tenha baseado em targuns (paráfrases do Antigo Testamento usadas pelos rabinos).** No entanto esse entendimento não pode ser aceito porque contraria o ensino da Bíblia a respeito do assunto. (N do E) (JOSEFO, F, 2004, p. 284-288).

É claro que esta nota de rodapé do tradutor da obra de Josefo contraria a visão aniquilacionista, mas convenhamos de que a visão judaica é de que de fato Samuel se manifestou a Saul, atestado por um historiador judeu, contrapondo uma visão protestante do episódio. O bom senso nos remete que o conhecimento pleno do Tanah, que pertence aos judeus e com eles é que devemos depreender o conhecimento contido nesta passagem, bem como em outras mais. Para corroborar ainda mais a nossa tese da aparição do espírito de Samuel a Saul, vamos recorrer a obra [Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento](#) e assegurar tal evento. Vejamos:

Esta conotação de temor da acareação com o sobrenatural é vista no terror de Saul diante do aparecimento de Samuel (1 Sm 28.21) e no temor de Israel na presença da morte repentina (Lv 26-16; SI 78.33). (WALTKE, B. K., HARRIS, R. L., ARCHER Jr, G. L., 1998, p. 153)



Apresentamos ainda a reencarnação do profeta Elias como João Batista em todos os seus pormenores (Mt 17,12; Mc 9:11-13; Mt 11,10; Mt 11,13; Mt 26,52; I Rs 18,22-40; Mt 14,11; Mt 3,11; Mt 3,14; Mt 11,11; Jo 3,28; II Rs 13,15; (Mq 3,1; 4,5; Mt 17,5,10,11,13; At 8,39-40; II Cr 21,1.12-15; Hb 11,13), bem como o entendimento dos judeus quanto à reencarnação (Ez 37:11-14) e o Diálogo entre Jesus e Nicodemos como uma lei natural (Jo 3:13). (Mt 16,13-17; 14,1-2; Mc 6,14-15; Jo 9,1-3; 5,5-14; Jo 3:1-16).

#### 4. Conclusão

A conclusão que chegamos neste artigo é a compreensão de apenas um significado para [*nephesh*], como sendo compreendida somente com a alma, passa a ligeira impressão que a alma não sobrevive após a morte. Contudo, pelo exposto, esta não é a expressão da verdade, tendo que a cada contexto a sua análise pormenorizada e a aplicação do significado correto, principalmente quando se tratam de alegorias, ainda por cima nos originais.

Deixo, portanto a mensagem de Lísias, no romance de Chico Xavier acerca de sua obra Nosso Lar, aos quais todos nós nos reencontraremos para continuarmos no aprendizado e diálogo fraterno. “A terra que é uma cópia daqui [Nosso Lar] André, mas tudo tem um por que é um sentido como você vai ver”.

Espero ter esclarecido aos prezados leitores e em especial aos aniquilacionistas e mortalistas, ao qual muito estimo e parafraseando Jesus, através de seu discípulo amado “**Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho**”. (Jo 3,11)”.

**Thiago Toscano Ferrari**

**Maurício C.P.**

Novembro/2021

---

#### Fontes Bibliográficas:

Artigo: <https://apologiaespirita.com.br/o-dialogo-entre-jesus-e-nicodemos/> FERRARI. T. T. **O Diálogo entre Jesus e Nicodemos**. Vitória-ES. 2016

**A Lei de Moisés TORÁ**, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, Editora e Livraria Sêfer Ltda., Publicação 2001.

**Bíblia Hebraica**, Editora Sêfer, São Paulo, 2012.

BEREZIN, R. **Iniciação ao Hebraico volume I e II**, São Paulo-SP: Editora Humanitas, 5ª Edição, 2004.

DOBSON J. H. Tradução de Lucian Benigno. ***Aprenda o Grego do Novo Testamento***. Rio de Janeiro/RJ, Editora CPAD: 1ª Edição, 1994.

GINGRICH. F. W. ***Léxico do Novo Testamento Grego / Português***. Revisado por Frederick W. Danker, Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo/SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2ª Edição, 1979.

JOSEFO, F. ***História dos Hebreus***. Rio de Janeiro/RJ: Editora CPAD, 8ª Edição, 2004

KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília-DF: FEB, 2019.

PASTORINO, C. T. ***Sabedoria do Evangelho – Volume 3***, Rio de Janeiro: 1964.

SCHOKEL, L. A. ***Dicionário Bíblico Hebraico-Português***, São Paulo-SP: 4ª Edição; Editora Paulus; 1997.

STRONG J, LL. D, S.T.D. ***Dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong***, Barueri/SP, Editora SBB, Ano 2002.

WALTKE, B. K., HARRIS, R. L., ARCHER Jr, G. L., ***Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento***, São Paulo/SP: Editora Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1ª edição: 1998.

---

Ben Zoma, Pirkei Avot 4:1 "*Quem é sábio? Aquele que aprende com todos - Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos*" Rm 12:16